

**Resgate Histórico**  
**do**  
**Centro Social Leão XIII**  
**Brás e Belém.**

**1941 a 1971**

**Monsenhor Manuel Correia de Macedo**

1º (Conselheiro Espiritual da Escola)

<http://www.centrosocialleaoxiii.com.br>

PE. AZARIAS SOBREIRA

**O PATRIARCA**  
**de**  
**JUÀZEIRO**

Prefácio de  
AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

JUAZEIRO  
1969

## O Segundo Vigário de Juazeiro

**A** MONSENHOR Pedro Esmeraldo sucedeu, na direção da Freguesia, não sem longo intervalo, Mons. Manuel Macedo, nascido e criado ali mesmo, porém educado em São Paulo e doutorado na Cidade Eterna. Não poderia desejar-se guia espiritual com prendas de maior realce: saúde, mocidade, iniciativa, capacidade de trabalho, conhecimento dos problemas locais, incendiado ardor apostólico, pureza de costumes e, em grau incomum, eloquência e clareza de expressão a tôda prova.

Dir-se-ia um presente outorgado por Deus à terrinha tão mal compreendida e, vez por outra, submetida a vexames de variegados matizes.

Ordenado às expensas da Arquidiocese da Guanabara, cujo Metropolita tinha sôbre o jovem padre vistas bem lisonjeiras, não era nada fácil obter de seu superior hierárquico, o Cardeal Leme, a desejada permissão para Mons. Macedo consagrar as primícias de sua carreira ao pastoreio de seus conterrâneos no Sul do Ceará. Tudo, porém, saiu a contento geral.

Se nos fôsse lícito estabelecer uma comparação arrojada, diríamos que Manuel Macedo estava para Pedro Esmeraldo como o Papa João XXIII para o seu predecessor Pio XII. O primeiro: um aristocrata; o segundo, um homem popular, porém ambos altamente apercebidos de saber e virtude para as responsabilidades a que a Providência os compelia.

Aberto o caminho pelo verbo candente e os edificantes exemplos do primeiro, máxime em consequência das Santas Missões de 1917, o campo evangélico encontrava-se singu-

larmente arroteado para a nova sementeira. E foi digno de ver o jovem levita entregue ao trabalho que o esperava e que era um tanto sôbre-humano, tendo, como tinha, de atender acêrca de quarenta mil almas enxergando nêle um guia espiritual por excelência.

Contrariamente ao seu dinâmico antecessor, que se consumia na roda viva do confessionário, Macedo adotou o sistema de só confessar por dia quarenta pessoas que de antemão deviam munir-se de cartão de entrada para serem atendidas. Ficou-lhe assim maior espaço de tempo para visitar as capelas, para ir assiduamente à casa dos paroquianos mais humildes e carecidos de particular assistência; e, em alto relêvo, poder devotar-se ao ministério da palavra, pondo a render seus excepcionais dotes de missionário.

Em pouco tempo a Matriz novamente se encheu. Todos queriam ouvi-lo a seguir-lhe a orientação. Para não esgotar-se, teve que viver trancado como o Padre Cícero e até mudar de pouso, sob pena de não conseguir levar por diante os serviços incessantes que dêle exigia o múnus paroquial.

A Semana Santa de 1924, embora fôssem imensas as dificuldades de obter um padre, ao menos, que se decidiu a auxiliá-lo, constituiu mais do que uma edificante cerimônia, porque foi um acontecimento inédito em tôda a região e de que os antigos ainda se recordam com saudade e ufania.

Pode-se dizer, um pouco hiperbôlicamente, que todos os dias Mons. Macedo pronunciava uma alocução, cuja nota dominante era a sabedoria das Escrituras, a preocupação pela salvação das almas, o anseio de renovar a face da terra.

O excesso de trabalho, todavia, foi gastando a saúde e repercutindo no sistema nervoso do Vigário que, padecendo crônica anemia cerebral, mais de uma vez foi vítima de vertigem, inclusive durante o serviço religioso. Daí, suponho, uma atitude por êle assumida e que a muitos causou espêcie e acabou determinando a brusca interrupção do seu paroquiato e sua conseqüente retirada de Juazeiro. Deu-se isto ao apagar das luzes de novembro de 1924.

Como de praxe então generalizada, Floro Bartolomeu efetuara a venda do jôgo para as festas do Natal, Ano Bom e Epifania. Sabedor daquilo, Mons. Macedo a quem causava ojeriza todo e qualquer jôgo de azar e parecia viver sonhando com um pretexto para afastar o Padre Cícero da perniciosa ascendência do caudilho baiano, lançou veemente protesto contra a negociata e fêz sentir que, se houvesse jogatina ao tempo do Natal como no ano anterior, êle abandonaria a Paróquia e retirar-se-ia da localidade.

Foi como se explodisse uma bomba de alarme. A opinião pública dividiu-se. Floro prontamente percebeu o secreto objetivo daquele pronunciamento, melindrou-se além do previsto e, por sua vez, declarou, alto e bom som, que jamais retrocederia: o jôgo estava vendido para as festividades daquele ano e o que fizera estava feito.

Mons. Macedo procurou então o Patriarca, na esperança de conquistá-lo para o seu ponto de vista pessoal; mas êste, alegando motivos de lealdade, limitou-se a aconselhar Macedo a dar por menos aquela exigência tão à queima-roupa e esperar pelo ano vindouro, quando tudo poderia trazer o ambicionado reajustamento.

Caíram por terra estas sábias ponderações. Assim é que, ao ensejo da «missa-do-galo», missa oficiada no patamar da Matriz, Mons. Macedo, ainda revestido dos paramentos sagrados, fêz patética exposição das ocorrências, apresentou suas despedidas a seus paroquianos num clímax de trepidante emotividade e concluiu: — Quem me bota para fora daqui é o Padre Cícero Romão Batista com o Doutor Floro Bartolomeu.

No meio da alocução, como se quisesse reconsiderar depois de tão chocante atitude, ainda parodiou o poeta Gonçalves Dias, adiantando:

Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá:  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para cá.

E por esta forma, ainda mais melancolicamente, caía o pano sôbre a gestão paroquial do segundo Vigário de Juazeiro.

Retirando-se de Juazeiro, foi Mons. Macedo chamado a servir no Seminário do Crato que então possuía, cumulativamente, os cursos filosófico e teológico, como em Fortaleza, e meses depois deveria celebrar seu cinquentenário de fundação.

Ali chegado, não tardou a ser ponto obrigatório de convergência de tôdas as atenções, pois, com o seu multiforme talento, grandeza d'alma e ânsia de fazer o maior bem possível, mal se desincumbia de seus espinhosos que-fazeres naquela casa de educação, ainda encontrava tempo para pregar retiros por fora, presidir solenidades e ser o intérprete de quase tôdas as grandes datas do calendário católico.

E que máquina de falar admiravelmente! Que dom de fazer vibrar os corações adormecidos na indiferença e nêles infundir o gôsto da virtude e os brios de cidadania! Em dez minutos de reflexão, já se encontrava apto a subir à tribuna para dizer coisas das mais belas e substanciais. E sempre o fazia adotando um plano pessoal e imprevisto, causando pasmo a distinguidos mestres da palavra. Um único sermão pregado por êle na Quaresma contra os jogos de azar produziu tal efeito que as casas que disto viviam no Crato ficaram praticamente inativas durante mais de dez dias.

Não foi, portanto, sem razões bastante objetivas que, em 1925, o austero e inesquecível pregador de missões que foi o alemão Frei Casimiro disse-me ao ouvido, ao cabo de um mês em que teve por colaborador a Mons. Macedo: — Eu ainda estava por ver um padre aliando a tantos talentos tão profunda humildade.

Terminada a Semana Santa no Crato, os promotores das Páscoas anuais em Fortaleza, seguramente informados do esplendor de Mons. Macedo no Cariri, para êle apelaram no sentido de que fôsse a Fortaleza pregar a Páscoa dos Intelectuais, então em agigantada evidência no Ceará. Era meia-noite, exatamente, quando Mons. Macedo de mim

se despediu para cavalgar até o povoado de Ingazeiras, a mais próxima estação da via férrea que deveria conduzi-lo à capital do Estado. Naquele momento puxou de um manuscrito e leu, para mim e Mons. Joviniano Barreto, um veemente artigo que acabara de escrever e que pretendia divulgar pelo «Nordeste», diário católico de Fortaleza, que vivia a sua fase de maior brilho e que, por motivo de sua elevação de vistas e seu seletto corpo redatorial, já era apontado por Jackson de Figueiredo como o melhor diário católico do Brasil. O artigo começava assim: — «Até quando, Dr. Floro, abusarás de nossa paciência? Até quando êsse teu furor nos trará indecisos?»

Era nada mais, nada menos do que o rastilho que iria atear fogo à maior fogueira que já crepitou em solo alencarino, assoprada pela palavra de um homem. Era uma faísca de alta potência que logo se desdobrou em dezenas de outras, saídas da mesma fornalha, e contra as quais todos os obstáculos se revelaram improdutos. Por que tudo isto? Porque, poucas semanas atrás, Floro Bartolomeu, Deputado Federal por Juazeiro do Norte e figura das mais prestigiosas da política estadual, de pleno acôrdo com o Governador Moreira da Rocha e o Secretário de Polícia, iniciara um revoltante sistema de limpar de amigos do alheio os seus domínios, dando ordens para serem fuzilados, sumariamente, ao pé da rodagem que se dirigia para o Crato, os primeiros ladrões apanhados em flagrante. A medida era eficaz, porém aberrante de todo espírito de humanidade e por demais intolerável a quem quer que possuísse sensibilidade moral à luz do Evangelho.

Homem de brio e extremado nos seus pronunciamentos, êle que se orgulhava de ser o representante de uma população ordeira e laboriosa, perdeu a serenidade ao descobrir que do seu quartel-general tinham partido, nos derradeiros meses, atrevidos salteadores de estrada, com armas de correligionários seus, para efetuarem roubos no alto sertão da Bahia. Encarando o fato como inequívoca desmoralização para sua pessoa, não trepidou em persuadir o Governo do Estado a subscrever providências tão drásticas e insólitas, assumindo êle próprio a responsabilidade da iniciativa, embora arrastando as iras da opinião pública.

Ao ouvir Mons. Macedo lendo aquêlê primeiro artigo, discordêi francamente. Não me parecia razoável que fôsse precisamente êle, além de padre, filho de Juazeiro e vinculado, por laços de família e gratidão, ao Padre Cícero, quem assumisse a dianteira naquela temerosa campanha. Que pesasse os riscos que iria correr, os dissabores que fatalmente acarretaria a seus velhos pais, afora as circunstâncias de lhe serem ainda recentes as suas mágoas contra o Dr. Floro a fim de poder entrar na arena com a devida isenção de espírito. A resposta que me deu foi a seguinte: — Por isto mesmo que sou padre e sem encargo de família estou naturalmente indicado a pôr têrmo a tantas atrocidades; para isto já formei a própria consciência e só a morte me impediria de levar adiante o propósito em que estou.

Desde o primeiro artigo, a sensação produzida foi descomunal. Todo mundo queria ler «O Nordeste», que era disputado nos cafés, nas estações ferroviárias e adquirido, no interior, até a preços exorbitantes.

Por sua vez, amigos e admiradores exigiam a presença de Mons. Macedo em seletas reuniões, onde o incentivavam, calorosamente, a prosseguir no debate, resultando daí a espantosa cifra de mais de cem discursos por êle proferidos nos trinta dias de sua permanência na capital.

E que dizer dos artigos que, ferindo a mesma tecla, eram, dia após dia, editados por êle na fôlha católica? Literariamente fracos, eram lidos com avidez até em Juazeiro.

Ao despedir-se por ter de regressar ao Crato, no ágape que lhe ofereceram e assumiu caráter de grande distinção, Mons. Macedo assim rematou seu agradecimento: «— Se, no meu regresso, eu cair vítima de uma bala traiçoeira, só peço uma coisa: ponham, sôbre minha sepultura, uma cruz bem modesta e escrevam nela: O povo aplaudiu o que êle disse».

Enquanto isto se passava, advogados de Floro Bartolomeu ensaiavam defendê-lo pela imprensa, mas todos os esforços ficaram longe de polarizar as atenções e simpatias públicas, resultando tal defesa em pura perda.

De Juazeiro o caudilho desencadeava, pela imprensa local, furibundas réplicas, que nada mais eram do que diatribes e baixa descompostura, que apenas lhe agravavam a triste situação. Percebia-se, com dor n'alma, que o homem perdera o equilíbrio, positivamente esquecido da antiga fidalguia de que dera robustas provas quando, alguns anos para trás, rebatendo artigos de combate a Juazeiro, portava-se exemplarmente, dando arras de perfeito gentil-homem. Aliás, sôbre esta página negra da história de nosso jornalismo caboclo, já me externei bastante no capítulo que teve por título o mencionado político baiano.

Estava, por conseguinte, triunfante a iniciativa de Mons. Macedo. Nunca mais, em terra cearense, se fuzilou um prêso, pelo menos de modo ostensivo. Por sua vez, estavam contados os dias de Floro Bartolomeu que havia sido, durante onze anos, o fio da balança das correntes políticas no Ceará.<sup>15</sup>

## O Quarto Vigário de Juazeiro

**A**BSTENHO-ME de ocupar-me do terceiro Vigário de Juazeiro, não só por não o terem caracterizado sucessos de grande monta, senão também porque, com pequeno intervalo, regressou ao antigo pòsto onde ainda se conserva, embora um tanto combalido na sua proverbial saúde. Refiro-me a Mons. José Alves de Lima.

<sup>15</sup> A permanência de Mons. Macedo no Crato deu ensejo a um episódio que nada se perde em tornar conhecido. Havia ali um cidadão de inegável preparo que, possuindo a melhor biblioteca da zona, era, por assim dizer, a derradeira palavra em novidades literárias e científicas. A vista dos triunfos de Mons. Macedo, assanhou-se-lhe o amor-próprio e convidou o sacerdote em pauta para um almoço íntimo, a que compareceu outro dos mais destacados elementos citadinos.

Findo o banquete, o anfitrião conduziu os dois a visitarem a sua coleção de livros, alguns dos quais moderníssimos e de autores de celebridade feita. Passando aquilo tudo em revista, indagava de Mons. Macedo se conhecia tais e tais obras. A resposta, na maioria das vèzes, era negativa: — Não conheço.

De volta ao salão de visita, o dono da casa declarou, num mal contido desabafo: — Sim, senhor, seu padre Macedo. Estou com pena de você. Como é que, desfrutando um nome tão festejado e sendo formado na Europa, pode ignorar publicações de tamanho valor? — Pois eu não participo de sua compaixão, — retrucou Macedo. — Você dispõe de tantos livros porque é rico, mas na maioria só os conhece pela lombada... O que aprendi já não necessita de estante, porque trago na cabeça.